

## Identidades, identificação, nominação, uma leitura contemporânea<sup>1</sup>

Virginie Leblanc-Roïc

Orcid: [0000-0002-1418-538X](https://orcid.org/0000-0002-1418-538X)

Psicologa clínica

Mestre de Conferência no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)

Membro da École de la Cause Freudienne

E-mail: [virginie.leblanc@gmail.com](mailto:virginie.leblanc@gmail.com)

**Resumo:** O texto explora a proliferação contemporânea de auto-nomeações e identidades (como poliamoros@, não-binário@ ou neurodivergentes), situando-a na "época líquida" de Zygmunt Bauman, onde novas comunidades se agregam em torno de significantes novos. Essa busca por identidade, que transborda em "proliferação da taxionomia identitária", é vista em contraste com o movimento de despatologização, mas levanta o paradoxo de reivindicar um nome de gozo para se inserir no social, questionando se isso é uma estratégia de particularização ou uma recuperação pelo discurso capitalista. O artigo confronta essa autoafirmação identitária ("sou aquilo que digo"), influenciada pela performatividade da linguagem de Judith Butler, com a bússola psicanalítica, que vê a identidade como uma "armadura enfim assumida de uma identidade alienante" que vela a "falha" do ser. A psicanálise visa a um longo percurso de desidentificação para que o sujeito aprenda a "saber se virar com" seu gozo singular e seu sintoma, culminando, não em uma identidade comunitária, mas em uma identidade sintomal — um nome único que tenta cercar o núcleo de real que resiste à simbolização.

**Palavras-chave:** Identidades Contemporâneas; Psicanálise; Performatividade; Segregação; Identidade Sintomal.

**Identités, identification, nomination, une lecture contemporaine:** Le texte explore la prolifération contemporaine des auto-nominations et des identités (telles que polyamour@, non-binair@ ou neurodivergents), la situant dans l'« époque liquide » de Zygmunt Bauman, où de nouvelles communautés se réunissent autour de signifiants nouveaux. Cette quête identitaire, qui déborde en « prolifération de la taxinomie identitaire », est vue en contraste avec le mouvement de dépathologisation, mais soulève le paradoxe de la revendication d'un nom de jouissance pour s'insérer dans le social, se demandant si cela est une stratégie de particularisation ou une récupération par le discours capitaliste. L'article confronte cette auto-affirmation identitaire (« je suis ce que je dis »), influencée par la performativité du langage de Judith Butler, avec la boussole psychanalytique, qui voit l'identité comme une « armure enfin assumée d'une identité aliénante » qui voile la « béance » de l'être. La psychanalyse vise un long parcours de désidentification pour que le sujet apprenne à « savoir s'y prendre avec » sa jouissance singulière et son symptôme, aboutissant, non à une identité communautaire, mais à une identité symptomale — un nom unique qui tente de cerner le noyau du réel résistant à la symbolisation.

**Mots clés:** Identités, Psychanalyse ; Performativité ; Ségrégation ; Identité Symptomale.

**Identities, identification, nomination, a contemporary reading:** The text explores the contemporary proliferation of self-nominations and identities (such as polyamorous, non-binary, or neurodivergent), positioning it within Zygmunt Bauman's "liquid age," where new communities gather around novel signifiers. This quest for identity, which results in a "proliferation of identity taxonomy", is viewed in contrast to the depathologization movement, but raises the paradox of claiming a name of enjoyment (jouissance) to enter the social sphere, questioning whether this is a strategy of particularization or a recovery by capitalist discourse. The article contrasts this self-asserted identity ("I am what I say"), influenced by Judith Butler's performativity of language, with the psychoanalytic perspective, which views identity as an "armour finally assumed of an alienating identity" that veils the "gap" in being. Psychoanalysis aims for a long journey of disidentification so that the subject learns to "know how to get by with" their singular enjoyment and symptom, culminating, not in a communal identity, but in a symptomatic identity — a unique name that attempts to encircle the core of the real that resists symbolization.

**Keywords:** Contemporary Identities, Psychoanalysis, Performativity, Segregation, Symptomatic Identity.

## Identidades, identificação, nominação, uma leitura contemporânea

Virginie Leblanc-Roïc

"Eu sou..." Poliamoros@, pansexual, assexuad@, não-binári@, mas também hipersensível, bipolar, aspi, com altas habilidades... Ou ainda "Eu sou racializado, afro-americano, *black blanc beur...*" E igualmente: "Eu sou Giorgia, sou uma mulher, sou mãe, sou italiana, sou cristã. Vocês não vão me tirar isso."<sup>2</sup>

Da recusa de ser rotulado com um diagnóstico às auto-nomeações com as quais os sujeitos se apresentam doravante, em nossa época transbordam significantes novos e em torno dos quais se agregam novas comunidades, numa verdadeira "proliferação da taxionomia identitária" (Dubreuil, 2019, p. 12) que parece afim à nossa época líquida, como a qualificou Zygmunt Bauman (2006), e onde a rede e a multiplicidade das representações de si e do mundo substituíram as estruturas hierárquicas cuja verticalidade assegurava a cada um lugar fixo.

Que função atribuir a tais nomes com os quais a nossa época parece pronta a se adornar, com este paradoxo de que, por um lado, em nossas sociedades ocidentalizadas se confirma um movimento de despatologização generalizada sobre fundo de igualitarismo democrático e do direito de dispor de si, quando do outro se destaca a reivindicação de se apresentar com um nome, nome de gozo às vezes, que permite se inserir no social? Devemos tomar este empuxo-à-identidade generalizado como uma recuperação pelo discurso capitalista da suposta liberdade de se construir a si mesmo, para além de toda marca biológica ("não sou o que meu corpo diz que sou") e significante ("não sou o que você diz que sou")? Como uma estratégia de particularização numa época de crise generalizada, avatar contemporâneo da **pequena diferença** freudiana?

Trabalhar cotidianamente para sustentar uma clínica do caso a caso com os homens e mulheres que recebemos em instituição ou em consultório permite certamente medir o suporte que tais reivindicações identitárias podem constituir tanto politicamente como também intimamente, para os sujeitos que se apresentam sob a bandeira de tais nomeações. Mas não deixa de ser verdade que sua face generalizante, englobante e às vezes segregativa não tarda muito a se desvelar, assim como o risco de deixar o sujeito, que não pode jamais ser inteiramente representado por essas nomeações contemporâneas, ainda mais desarmado diante da hiância, da desarmonia que habita cada um(a) de nós, *falasseres* exilados pela linguagem.

Em que medida podemos aproximar essas lutas - que preconizam a livre escolha das identidades e reivindicam o respeito e o direito à diferença - com o percurso de uma análise, que tende nos confins de sua terminação a produzir "a diferença absoluta" como diz Jacques Lacan (1973, p. 248) em seu Seminário? Afinar essas aproximações e essas distinções com a bússola psicanalítica, cuja prática e teoria nasceram justamente numa época de "declínio social da imago paterna" como mostrou Lacan (2001, p. 60) desde os anos trinta, pode permitir questionar de modo renovado o determinismo psíquico bem como a dimensão da escolha; e talvez dar um passo suplementar sobre aquilo que visa uma análise levada a seu termo, que não desembocaria nem numa posição de superioridade em relação aos outros

discursos, nem no cinismo da reivindicação narcísica, mas sim na possibilidade de um laço com o outro renovado, uma nova maneira, anti-egóica, de fazer laço social a partir de seu ponto de **diferença absoluta**.

### **Da despatologização generalizada à segregação: variedade das identidades e nomes de gozo**

#### **Identidades despatologizadas**

Jacques-Alain Miller (2022) lembrava recentemente o quanto a grande clínica psiquiátrica não está mais em pauta e que a clínica cedeu o passo diante da afirmação de um modo de gozar que se tornou possível tomar a palavra democraticamente, a definição do sujeito tornou-se essencialmente jurídica. A psicanálise certamente contribuiu muito para tal tendência, ela que nasceu da escuta inaudita daquelas que se chamavam então as histéricas por Freud, "este filho do patriarcado judeu" (Miller, 2001, p. 61), em Viena, no início do século XX, ou seja, o século que preside aquilo que Lacan (2015, p. 8) nomeará a "evaporação do pai".

Contudo, os psicanalistas sofrem doravante, a exemplo dos psiquiatras antes deles, numerosas críticas no que diz respeito a uma disciplina que visaria também categorizar e patologizar os sujeitos, pelo recurso aos diagnósticos (notadamente porque na França todo pedido de operação de mudança de sexo é condicionado a uma entrevista com um psiquiatra). Assim Thamy Ayouch, pesquisador em psicanálise e psicanalista não hesitava em criticar o "saber hegemônico de experts sobre os não-sabedores minoritários" (Ayouch, 2015, s/p.). Este poder injurioso viria daquilo que Michel Foucault designava como "a posição taumatúrgica" do analista, relação de poder que a psicanálise, segundo Ayouch, não contesta nem faz desaparecer:

A assimetria própria à relação analítica não tem em si mesma nada de opressor, mas a postura do analista não está ao abrigo dos jogos e abusos de poder que provoca este 'suposto saber', quando ela engendra, por uma dosagem sábia de mutismo, de interpretações peremptórias, e de prolíficos escritos patologizantes, experiências de desprezo e de humilhação em certos analisandos. Esta potencialidade de injúria própria à pragmática do espaço analítico (e, sublinhemos, contrária a toda visada psicanalítica), torna-se realidade quando o dispositivo psicanalítico se faz prescritor das formas hegemônicas da sexualidade e da sexuação (Ayouch, 2015, s/p.).

Diante disso, Ayouch (2015) lembra as práticas de combates das quais se apoderaram vários ativistas trans, *happening* ou performances, seu modo de ação inspirou-se na *Gay pride*, movimentos de lutas pelos direitos dos gays nos anos 70, nascida nos Estados Unidos e onde a injúria da qual se foi vítima é retomada por conta própria para fins de reivindicação:

Muito mais que uma ressignificação, a perspectiva *queer* é uma reversão da injúria que se efetua questionando a científicidade de certos discursos analíticos e sua expertise. As noções de 'homossexualidade' ou de 'transexualidade' são então apreendidas como artefatos sociopolíticos que não possuem uma definição invariável ou autônoma. A resposta à injúria se faz pelo humor, teatralizando uma situação em espelho, através de intervenções-performances que simulando os cenários discursivos desses psicanalistas fazendo-os experimentar seus efeitos em público (Ayouch, 2015, s/p.).

Reconhece-se aí nas entrelinhas a dimensão performativa do gênero que Judith Butler (2006) evidenciou, em particular, em sua obra maior, *Problemas de gênero*, onde o performativo do sexo se expressa pelas nomeações abundantes das práticas sexuais nas quais cada um(a) deve se reconhecer e se nomear:

Tais atos, gestos e realizações (*enactments*), no sentido mais geral, são performativos, pelo que é preciso compreender que a essência ou a identidade que eles são supostamente refletir são fabricações, elaboradas e sustentadas por signos corporais e outros meios discursivos (Butler, 2006, p. 259).

O corpo, para Butler (2006), aparece como o lugar de inscrição do poder. Ele é moldado pelo político, o biopolítico na perspectiva foucaultiana que a inspira, isto é, por forças políticas que o marcam sexualmente pela diferença dos sexos e de dois sexos somente. Esta matriz heterossexual incita os indivíduos a declarar seu sexo, seu gênero, sua sexualidade, a ler sua verdadeira identidade, seus desejos recalcados, através deste ideal normativo e falocêntrico que seria largamente transmitido pela psicanálise e seu primado do falo no processo de sexuação do menino e da menina através do complexo de castração. Numa tal perspectiva, o gênero não é portanto um fato, mas um conjunto de práticas disciplinares e de atos discursivos, na linha direta daquilo que o filósofo Austin chamava um "ato performativo" em sua obra *Quando dizer é fazer*. Desde então, Butler (2006) vai propor jogar com esta performatividade da linguagem desconstruindo esta marcação do corpo pela linguagem que generifica (por exemplo desde a ultrassonografia do 5º mês), confundindo as pistas, parodiando, tornando ininteligível a relação sexo/gênero, tal como fazem as *drag queens* que exibem as marcas de feminilidade para melhor esvaziá-las.

Tais práticas fizeram sucesso nas numerosas identidades LGBTQIA+ cuja lista permanece aberta, por exemplo na identificação a comunidades de gozo, as lésbicas *butch* (lésbicas "masculinas"/caminhoneiras) ou *fem* (femininas), os gays *bear* ou *leather* (couro SM), as *drag Queens* e os *drag Kings*, os *daddys* (homens maduros em casal com homens mais jovens), os *snaps* etc... tantas marcas de infâmia e de discriminação que essas comunidades já sofreram e que os levaram a inverter

o uso desses significantes brandindo-os de maneira exagerada para se auto-nomear. Lá onde a vontade primeira era de lutar contra a segregação, a injúria se inverte, então, em identidade autoproclamada, prática que paradoxalmente não escapa, voltaremos a isso, ao risco de se tornar uma identidade colada sobre um modo de gozar compartilhado por vários, e que pode instaurar uma nova segregação entre os modos de gozo.

Tal reversão se generalizou agora para se juntar à luta pelo direito ao reconhecimento de homens e mulheres que receberam um diagnóstico psiquiátrico em torno do qual eles se reúnem formando uma comunidade, a exemplo dos "escutadores de vozes" na França, ou ainda desses sujeitos ditos autistas e que se apresentam como "neurodivergentes" e orgulhosos de o ser.

Seria preciso reconhecer em tais movimentos um avatar contemporâneo deste "narcisismo das pequenas diferenças", como o nomeava Freud, esta "expressão de um amor-próprio, de um narcisismo que aspira à sua autoafirmação" (Freud, 1921/2001, pp. 39-40)? Se Freud havia antecipado, ao apreender a lógica de um mal-estar na civilização que se consolida pela exclusão de um terceiro marcado por um traço de diferença, em nossa época, isso não faz senão amplificar esta tendência auto-segregadora do grupo, parece-nos hoje que essas reivindicações identitárias se inscrevem num movimento político contemporâneo e que tende a se tornar hegemônico sobre fundo de uma profunda modificação na relação com a palavra. Como temos visto em particular estes últimos meses na ascensão dos nacionalismos.

### **Identidades e segregação**

Tal heterogeneidade de nomes de identidades parece assim reabsorvível sob o tema mais englobante das **políticas de identidade**, que se desenvolveu a partir dos anos setenta em torno das reivindicações das minorias nos Estados Unidos. Laurent Dubreuil (2019) desdobrou em sua obra *A Ditadura das identidades* a que ponto essas lutas absolutamente legítimas contra os diferentes tipos de discriminações podiam se encontrar a encarnar o pior dos separatismos lançando o opróbrio sobre tal discurso ou comportamento, fazendo reinar um verdadeiro "despotismo democratizado" (Dubreuil, 2019, p. 25) para retomar os termos de Tocqueville, multiplicando os focos de controle, notadamente nas redes sociais, com porta-vozes que vigiam e um puritanismo, às vezes muito distante das reivindicações de justiça ou de igualdade que seus militantes pretendem encarnar.

A expressão *identity politics* surge por escrito em 1977 numa declaração do coletivo de Afro-Americanas lésbicas Combahee River que enuncia: 'o fato de nos concentrarmos em nossa própria opressão se encarna no conceito de política de identidade.' O gesto consiste [...] em começar por si numa busca de emancipação. [...] Ao mesmo tempo que critica a construção social tradicional dos homens, a declaração insiste no fato de que a centralização na identidade é um meio, não um fim. [...] Este primeiro grande ensaio de teorização de uma política de identidade, por não ser universalista mas localizado, não deixa de rejeitar, com firmeza, aquilo

que se tornará a ótica majoritária quarenta anos mais tarde. O identitarismo tal como o vemos hoje prosperar já era previsto em 1977 e – rechaçado (Dubreuil, 2019, p. 17).

A interpretação por Lacan da desvalorização do Nome-do-Pai é um apoio sólido para apreender esses fenômenos e compreender a que ponto no lugar das "grandes-vias" (Lacan, 1981, p. 321) da sexuação, notadamente, surgiu um "enxame de S1" (Lacan, 1975, p. 130), multiplicidade de significantes vindos do Outro social ao qual correspondem tantas reivindicações identitárias. A releitura lacaniana do complexo de Édipo freudiano com a bússola estruturalista permitiu, com a metáfora do Nome-do-pai, sair da rotina da família tradicional para apreender como é, antes de tudo, a função paterna que permite que o sujeito saia de seu assujeitamento primeiro (Lacan, 1957/1998) ao Outro para atar "o desejo à lei" (Lacan, 2001, pp. 373-374) independentemente do homem que seria o pai. Tal operação, operação linguageira que é um ordenamento do gozo, e é consecutiva de uma perda que Lacan nomeará objeto *a*, abre para a criança um além do desejo via a travessia de uma dialética identificatória nascida no terreno inconsciente da posição tomada por uma criança diante da história de uma família, ou do casal parental, ou ainda dos modelos contra os quais se apoiar: **como ser uma mulher, um homem, como amar à maneira de meu pai ou ainda fazendo o inverso de minha mãe?**

Mas o próprio Lacan veio a pluralizar este Nome do pai, entendendo que este não pode tomar a seu cargo todo o gozo de um corpo vivente e falante, e certamente, não pode resolver a desarmonia entre os sexos. "O complexo de Édipo não poderia manter indefinidamente o cartaz" (Lacan, 1960, p. 813) e não se trata certamente de se lamentar: as práticas sexuais se modificam, os modelos familiares levam necessariamente sua marca, é disso que testemunham os sujeitos que se escuta em análise, o inconsciente, esta "linguagem concreta que as pessoas falam" (Lacan, 2016, p. 9), sendo afim aos costumes e às práticas linguageiras de uma época.

É portanto lógico que hoje **o sussurro da língua** seja tingido desses enunciados declarativos, de novos diagnósticos, de nomes de gozo ou de auto-nomeação que se pode escutar quando se recebe pacientes pela primeira vez e precisamos aprender como manejá-los. Tudo se passa, portanto, como se as identificações inconscientes, esta parte tomada pelo outro em mim, que não é inteiramente o outro nem inteiramente eu, se cristalizassem doravante em identidades retiradas do discurso corrente, como se o sonho de uma continuidade psíquica, de uma coincidência de si consigo mesmo, se realizasse, com o sonho conjunto de um eu forte, autônomo. Ou para dizê-lo com as palavras de Marie-Hélène Brousse (2017, s/p.) "a designação de identidade que numa sociedade tradicional vinha do Outro em termos de nomeação, nessa época dos uns-todos-sozinhos, é autoafirmada, e pretende fazer a economia do Nome-do-pai". Esta palavra identitária substitui o *cogito* cartesiano, "Penso, logo existo", sonho de um sujeito da ciência desonerado de sua história, universal, por aquilo que J.-A. Miller resumiu numa fórmula de impacto, "sou aquilo que digo"<sup>3</sup>: não mais *cogito* mas *dico*, declaração, autoafirmação que se afasta *de facto* do "sujeito barrado", que traduz a relatividade, isto é, a dissolução das identidades

(Miller, 1996).

Tal modalidade enunciativa, que se inscreve no fio da performatividade da linguagem, como vimos, não deixa, aliás, de acarretar o risco de uma confrontação desses enunciados no interior de uma mesma comunidade, e a dificuldade patente de fazer laço social nesta horizontalidade sempre a se renovar. Um fato recente o ilustra bem (Martéau, 2020): ele se desenrola em Paris, no seio do grupo militante *Colagem feminicídio*, fundado pela ex-femen Marguerite Stern, que iniciou em tais ações centenas de militantes desde a abertura em setembro de 2020 do Grenelle das violências feitas às mulheres. Assim, os muros das cidades francesas se cobrem doravante regularmente desses slogans muito fortes, colados às pressas, como tantos outros *happenings* imitando o modo impactante das Femen, por exemplo: "Ela o deixa, ele a mata", "Papai matou a mamãe", "Feminicídios: + de 1 Bataclan por ano". Mas hoje, o grupo é atravessado por conflitos e, sua fundadora, Marguerite Stern, foi alvo de suas ex-companheiras que a acusam de ser transfóbica e de trair a causa feminista. Tudo partiu de uma mensagem enviada por Marguerite Stern (2020, s/p.) numa célebre rede social: "Os debates sobre o transativismo tomam cada vez mais lugar no feminismo. Interpreto isso como uma nova tentativa masculina para impedir as mulheres de se expressar". Ora, prossegue ela,

(...) sou a favor de que se desconstruam os estereótipos de gênero, e considero que o transativismo não faz senão reforçá-los. Observo que os homens que querem ser mulheres se põem subitamente a se maquiar, a usar vestidos e saltos altos. E considero que é um insulto feito às mulheres considerar que são essas ferramentas inventadas pelo patriarcado que fazem de nós, mulheres. Somos mulheres porque temos vulvas. É um fato biológico (Stern, 2020, s/p.).

Ameaçada de morte, expulsa do grupo que criou, Marguerite Stern se apoderou com a feminista Dora Moutot de uma nova nomeação, o "femismo" [feminismo das fêmeas], por um retorno à definição biológica da mulher. Por trás desses dilaceramentos doravante tradicionais entre feministas "universalistas" e militantes "interseccionais" (que levam em conta as discriminações de raça, de classe, de religião...), é impressionante considerar que entre os homens e mulheres mais engajados contra toda prescrição normativa, ninguém concorda sobre o que é uma mulher: assim para algumas, como Marguerite Stern, uma mulher é antes de tudo uma portadora de órgão, que sofre submetida um patriarcado, que constrói os estereótipos de gênero. Também recusa considerar as mulheres trans como "verdadeiras mulheres"; seriam antes homens reproduzindo, ao crer n'A mulher, a dominação masculina. Enquanto que estas últimas se pretendem verdadeiras mulheres, já que sofrem também de discriminação transfóbica.

Essas novas nomeações contemporâneas, longe de sua visada de desenclausuramento, desembocam ao contrário em movimentos de autossegregação das minorias e das comunidades, realizando este paradoxo de que a luta por mais fraternidade desemboca numa ascensão das

segregações, cuja lógica Lacan forneceu muito cedo:

Tudo o que existe é fundado sobre a segregação, e no primeiro tempo a fraternidade. Nenhuma outra fraternidade se concebe mesmo, não tem o menor fundamento, o menor fundamento científico, se não for porque se está isolado junto, isolado do resto (Lacan, 1991, p. 132).

Permanece todavia marcante que no exemplo dado acima, tal movimento de separação no interior de uma mesma comunidade incide sobre a definição da mulher sobre a qual Freud não conseguiu ultrapassar o determinismo biológico (segundo a célebre frase "a anatomia é o destino"), e da qual Lacan mostrou a que ponto nenhum significante no inconsciente podia dizer o que é uma mulher. Assim, como nada no inconsciente pode fornecer um saber pré-estabelecido sobre o sexo, nenhum saber para se virar com o parceiro amoroso. Se há relações sexuais, "não há relação sexual", não há relação lógica. Mais, geralmente, não existe nenhum significante último, nenhum Outro que venha responder ao enigma de nossa existência e decidir sobre o nosso lugar no mundo, bem como da conduta a adotar.

Assim, poderia se desvelar a que função vêm responder as identidades contemporâneas, véu lançado sobre o vazio do ser e a hiância simbólica, no momento de um mal-estar na civilização tão agudo, na superposição de várias crises que demonstram o fracasso patente do discurso da ciência aliado ao capitalismo em entregar outro lugar que não o da cifração ou das categorias digitalizadas do algoritmo.

Se podemos dizer que há uma necessidade estrutural da separação, necessidade significante da linguagem que funciona sobre a diferença significante, também há uma necessidade, "nesta época de mercados globalizados, de que massas humanas, votadas ao mesmo espaço, não apenas geográfico, mas ocasionalmente familiar permaneçam separadas" (Lacan, 2001, pp. 362-363) - como mostra a impossibilidade do ideal fraternal e sororal de evitar a segregação, é possível se separar de outro modo? É possível atingir uma identidade que não inclua o risco do separatismo e do ódio?

### **Da desidentificação à nomeação: separar-se de outro modo**

É interessante notar que Judith Butler, recentemente convidada a uma série de conferências parisienses no Centro Georges Pompidou, voltou ela própria ao tema deste empuxo-à-identidade contemporâneo, ao qual seus numerosos leitores, em particular os mais jovens, não cessam de reenviá-la, e que ela parece ter largamente ultrapassado. Quando uma de suas ouvintes lhe pergunta como lhe veio a vontade de afirmar sua identidade, a filósofa, como relata a jornalista Stéphanie Chayet (s.d., s/p.), suspira, com ar quase abatido: "Escutem, nunca decidi nada. Fui outada quando era adolescente. Para mim, a identidade é aquilo que vem dos outros. [...] Não quero me fixar numa identidade. Sou contra a identidade. Amo o espaço que se abre entre as categorias e é lá que vivo, pois é lá que posso respirar". Ela diz poder compreender que os jovens, que têm tão pouco domínio sobre este mundo, que

enfrentam a destruição do clima', se agarrem aos seus pronomes: "É bem o único domínio onde podem exercer poder" (Chayet, s.d., s/p.).

Esses novos nomes de gozo (que não fazem realmente sintoma), nem diagnóstico poderiam, então, ser encarados como algumas respostas à flutuação do S1 na era da evaporação do Nome-do-Pai.

É a via que traça em todo caso nosso colega Laurent Dupont no número da revista Mental, *As Doenças da mentalidade* (2024), "A mentalidade, o S1 e a certeza". Laurent Dupont (2024) retoma ali a maneira como JAM, na sequência da conversação clínica entre Lacan e uma jovem errante, Srita. Boyer, vai fazer uma distinção maior para nossa clínica contemporânea, entre as doenças mentais nas quais o sujeito tem a ver com um Outro completo (e portanto marcadas pela certeza, "doenças do Outro que tentam fixar o gozo do sujeito no exterior), e as doenças da mentalidade, aquelas desses seres "que não foram convenientemente grampeados pelo simbólico, e que guardam uma flutuação, uma inconsistência" (Miller, 1977, p. 301). "Ora, com a queda do pai, estamos confrontados, de certa maneira, a uma generalização da clínica do Outro que não existe" (Miller, 1977, p. 301).

A labilidade identificatória torna-se, assim, hoje, às vezes, errância, a tal ponto que a doença da mentalidade parece generalizada: uma resposta pode ser a certeza da maldade alojada no campo do Outro (doença do Outro para dar consistência ao meu ser), mas também, quando o significante-mestre é demasiado flutuante, temos aquilo que Lacan nomeava na lógica do fantasma, "a lamentável certeza de que 'Eu, sou eu'".

Hoje, prossegue Laurent Dupont (2024), a inexistência do Outro é desnudada e produz um vazio do significante da representação. "Este ser que se aproxima do puro semblante" (Miller, 1977, p. 301) busca então se encarnar num significante que venha lastrear sua subjetividade, e para fazer o todo se sustentar, acrescentar-lhe a certeza no próprio significante. Aí, o vivido não retorna no corpo pela certeza num Outro completo, mas se faz nomear através dos significantes-mestres dos discursos que atravessam a sociedade: auto-nomeação.

Poderíamos assim nos perguntar, com Francesca Biagi-Chaï (2022), se a título de exemplo as novas identidades de gozo, reagrupadas sob o signo LGBTQIA+, constituiriam nomeações enquanto tais: "Podemos dizer, com esses nomes que 'aparecem como em excesso' que eles são 'da ordem da criação [...] em relação à invenção do real'" (Biagi-Chaï, 2022, s/p.), como evoca Lacan no seminário do *Sinthoma?* (1975) Jacques-Alain Miller, durante o Colóquio Uforca consagrado em 2022 às *Problemáticas contemporâneas da sexualidade*, já havia evocado, a propósito desses sujeitos avançando com seu Eu sou... (trans, por exemplo), que se trataria de "S2, significantes nos quais o S1, [aquele da identificação primordial] seria congelado ou ausente, reduzido à sensação de corpo indefinível capturada por S2. Dito de outra maneira, S2 que se fazem tomar por S1" (Biagi-Chaï, 2022, s/p.).

Esses significantes comunitários **nomeariam** o sujeito como uma identidade que fixa, sem oferecer verdadeira nomeação:

Tal operação entrega um gozo que não é o seu. Na medida em que se faz tomar por real, esta identidade não constitui uma nomeação, no sentido do encontro de um significante e do gozo, fixando o nome do gozo próprio a um sujeito (Biagi-Chaï, 2022, s/p.).

Portanto hoje, para retomar Butler, há uma política de desidentificação que são as novas identificações fluidas, poderíamos dizer para retomar este significante da época, novos universos fantasmáticos onde se trataria de desconstruir as identidades para colocar em evidência as práticas do gozo como tal. Ou para dizê-lo com as palavras de J.-A. Miller (2005, s/p.): "Há aí como uma embriaguez da própria colocação em questão do conceito de identidade, e esta substituição, esta metáfora, a identificação, vem tomar a dianteira em relação à identidade."

Conforme Eric Laurent (2015, p. 151) em *Gênero e gozo*:

Esta identificação consiste em substituir aquilo que podia ser fixo, em processo. É bastante coerente com a abordagem feminina do gozo tal como Lacan o situa, já que Lacan considera que o gozo feminino é um processo que desconstrói as identidades, a tal ponto que A mulher não existe, e que é uma a uma que se aborda a questão da particularidade de seu gozo. Mas este gozo, é uma certeza ou uma ficção?

A falha à qual parecem responder os nomes de identidade hoje não deixa de fazer eco à crise subjetiva que pode presidir a entrada em análise, nestes instantes onde "os semblantes vacilam" (Miller, 2001, s/p.), onde a rotina de nossas vidas se revela como fora de sentido, e onde a continuidade de nossa existência se fratura sob o golpe de um acontecimento ou de uma palavra que vem fazer ruptura, levanta, precisamente, a questão de nossa identidade doravante incerta. Contudo, se podemos ver a que ponto crise (de civilização e/ou subjetiva) e identidade se conjugam, se o ponto de partida pode parecer o mesmo, a entrada em análise e depois seu desenrolar, longe de preencher a falha que se desvelou, visa um **saber se virar com** (Lacan, 1976) que é finalmente uma resposta anti-identitária.

### **Quem sou eu?**

Assim como o inconsciente não conhece nem o tempo nem a negação, da mesma forma, nada no inconsciente permite responder a esta questão que se pode vir a endereçar a um psicanalista: como escreve Lacan, o neurótico se apresenta primeiro como um "Sem nome", "importunado por seu nome próprio" (Lacan, 1966, p. 826). Como apreendê-lo? Se a escolha do prenome carrega a marca do desejo dos pais, inscrevendo-se na história de uma família, o nome próprio ao contrário não é um significante como outro. Intraduzível, ele antes grampeia o sujeito como este resto da operação significante, este "impensável" da inscrição nas gerações, menos em sua dimensão de elo da cadeia do que como seu objeto-dejeto, enigmático.

O sujeito que se apresenta em análise é portanto um sujeito marcado, e é frequentemente dessas marcas que ele sofre, são essas marcas que fazem sintoma mesmo se aquilo que lhe aparece como o mais estrangeiro lhe é também o mais precioso, como veremos. É um sujeito **alienado** pela palavra e o desejo do Outro, e é isso que se trata de descobrir na aventura que é uma análise, essas marcas nas quais me reconheço, ou não, a maneira como elas imprimiram meu destino, mas igualmente a maneira como muito cedo, por uma "insondável decisão do ser" (Lacan, 1966, pp. 151-193), escolhi ou recusei de aí ser representado.

Essas marcas são marcas que "absorvem" (Miller, 2018, p. 41), e como desdobra J.-A. Miller, o analisante

(...) menciona uma coisa que lhe foi dita e que nunca esqueceu, que será para ele inscrita para sempre e em relação à qual ele foi determinado para sempre em todas as encruzilhadas de sua existência. Esta coisa dita pôde tomar, para ele, valor de oráculo, que ele tenha se empregado ao longo de toda sua existência a verificá-la, a torná-la verdadeira, ou que ele tenha se apressado a desmenti-la. É frequentemente o caso quando o sujeito teve que compor com a expectativa dos pais sobre seu sexo. Se foi desejado como menino e nasce menina, isso tem consequências absolutamente nítidas. Não ser desejado, esse enunciado, é a marca mais dolorosa que existe. Não se poderia generalizar nesta matéria. Não obstante, em análise, constatam-se os efeitos espantosos da inscrição de uma palavra na história do sujeito (Miller, 2018, p. 31).

De modo que se poderia dizer que lá onde os *gender studies* veem o Outro como aquele que designa, e notadamente uma identidade de gênero, aquilo que J. Butler retomou recentemente como a identidade que vem do outro, os analistas consideram que o significante pode ser a marca de um desejo particularizado em relação ao sujeito, como diz Lacan em sua *Nota sobre a criança* (Lacan, 1969) e que é a partir desta inscrição, constituinte, que o sujeito terá que jogar sua partida. Como releva Éric Laurent (2022), podemos igualmente reconhecer na abordagem lacaniana do sujeito, ao menos em sua abordagem primeira com a referência estruturalista, uma dimensão performativa da asserção de si, mas que se situa no inverso do sujeito não dividido butleriano:

Aquilo sobre o que Lacan insistiu é que a asserção de si passa pelo Outro. O sujeito aí está suspenso, esperando a resposta que vai lhe dar sua alienação fundadora. A presença do Outro no seio mesmo do performativo, da palavra, dá todo seu lugar à resposta que espero desde que falo pois "O que procuro na palavra é a resposta do outro" (Lacan, 1969). Esta incessante resposta por vir arruína as miragens da identidade performativa. "Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como um objeto" (Lacan, 1966). A ligação entre nomeação e perda da referência se manterá no ensino de Lacan, já que ao nomear o Outro,

ainda é preciso que ele consinta e que ao me nomear, ao me identificar, não sou mais aquele que fui nem aquilo que estou em vias de me tornar, o nome se furga. O gozo que traz o performativo como afirmação de si é o oposto da produção psicanalítica do sujeito. [...] Para a psicanálise, a mais segura afirmação é aquela do fracasso: ato falho, lapso, tropeços diversos. As formações do inconsciente produzem um sujeito por um ato de linguagem que ata junto o enigma e o sentido que a ele se prendem (Laurent, 2022, s/p.).

Mais que uma palavra fechada sobre si mesma, a palavra sob transferência, no encontro com um analista, é portanto antes uma palavra que reenvia à surpresa, à estranheza em si. Através deste quem sou eu? que pode presidir a entrada em análise, podemos aliás reconhecer uma dimensão socrática, onde no lugar do filósofo antigo e de sua capacidade de colocar em causa por suas questões aquilo que parecia evidente, o sujeito suposto saber que é o analista, em sua simples presença encarnada e amiúde silenciosa, visa fazer surgir aquilo que estava oculto, colocar em causa as evidências:

É o efeito irônico da associação livre, é o socratismo analítico espontâneo. Quando você não tem alguém para lhe parafusar as identificações, para lhe reconhecer como o empregado dos Correios, o filho de Fulano, etc., quando este alguém lhe é subtraído, [...] que ele não está no lugar onde deveria estar, a saber de aquiescer à sua identificação, pois bem, em retorno, sua identificação treme, seu semblante identificatório vacila, não permanece mais inteiramente no lugar (Miller, 2001, p. 8).

O que aparece então pouco a pouco, não sem provocar certo tremor é, a que ponto, por trás da identidade que parecia assegurar a continuidade na intimidade de nosso ser, certo número de *identificações*, significantes, comportamentos ou traços retirados do outro se entrelaçavam.

### **Um "desnudamento do ser"**

Freud insistiu no fato de que é impossível diferenciar psicologia individual e psicologia coletiva, e, sua análise das massas na obra maior *Psicologia das massas e análise do eu* se abre sobre a maneira como o Outro intervém muito cedo e muito "regularmente enquanto modelo, sustentação e adversário" (Freud, 1921/2001, p. 137).

Lacan mostrará como desde o início, o filhote do homem tira mesmo a ideia da unidade de seu corpo, no momento constitutivo do estádio do espelho, de uma imagem que não pode se estabilizar senão com o reconhecimento significante do outro, que atesta a identidade do sujeito. Mas esta imagem global é um engodo que vem compensar a prematuração biológica do nascimento:

O estádio do espelho é um drama cuja pressão interna se precipita da insuficiência à

antecipação, -- e que para o sujeito, capturado no engodo da identificação espacial, maquina os fantasmas que se sucedem de uma imagem despedaçada do corpo a uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade, -- à armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (Lacan, 1966, p. 97).

*Forma ortopédica, armadura:* vemos a que ponto a identidade que se sustenta primeiro aqui da identificação narcísica da criança vem responder a uma insuficiência primeira que ela apenas vela. No espelho, jamais nos reconhecemos inteiramente como nós mesmos, e mais que uma imagem satisfatória, é sempre um traço do outro que em mim que subsistirá. E há maus encontros que revelam no après-coup que a vida de um sujeito só se sustentava por um fio que se desata no desencadeamento de uma psicose, por exemplo, quando o assento do ser falante era essencialmente imaginário. Isso tem consequências importantes na prática: se a análise de um sujeito neurótico visará desfazer essas identificações, zelaremos atentamente para não bagunçá-las demais para os sujeitos que não entraram na dialética das identificações simbólicas.

O que isto quer dizer, senão que o ser falante não pode ser apreendido, senão na complexidade de um enodamento com de um lado esta *identidade alienante* como a nomeia Lacan, que tenta suturar a falta-a-ser do sujeito do inconsciente, sempre tomado entre dois significantes, da identidade narcísica às marcas das palavras que percutem o corpo e determinam um destino; mas igualmente, de outro lado, aquilo que foi perdido ao entrar na rede dos significantes, este objeto a que será causa do desejo e lastreará o sujeito, enodando-se, igualmente, com aquilo que faz muito cedo efração no corpo próprio de cada um(a), a irrupção do sexual, sempre intrusivo, e a maneira como cada um(a) se posiciona inconscientemente diante disso, agarrando-se, ou não, a essas identificações ativamente retiradas do outro?

Para apreender tal complexidade no enodamento dessas diferentes identificações e a escolha tão obscura que um sujeito faz a partir desta perda inaugural, podemos aprender com a maneira como a criança faz a escolha de sua identidade sexual, aquilo que nomeamos com Lacan a sexuação, enodamento tão sutil entre o mais íntimo e o mais fixo, desde uma modalidade de gozo que percutiu o corpo até a multiplicidade das identificações escolhidas pelo sujeito, retiradas do outro e dos papéis ditados ou oferecidos pelo discurso de uma época. É o aspecto precioso da elaboração de Lacan, cuja incansável pesquisa permitiu extrair aqueles que se dizem homens e mulheres da rotina freudiana do corpo biológico como determinante do destino. "A alteridade do sexo se desnatura desta alienação" (Lacan, 1966, p. 732), ao outro da linguagem, à ausência de toda resposta possível à questão do que é um homem ou uma mulher, à não-coincidência entre a imagem e o vivido do corpo. Para além portanto das identificações teoricamente ideais elaboradas por Freud na saída do Édipo, o cotidiano dos analistas é antes de constatar a que ponto é o fracasso, e a instabilidade que são a lei de tais percursos quanto ao sexo. Pensemos na fluidez de tais identificações, numa célebre paciente de Freud, Dora, que passa

por uma identificação imaginária a um homem, Sr. K., para visar o objeto de toda sua atenção e de suas interrogações, Madame K. e seu corpo com a brancura de alabastro.

Mais que um trajeto pré-desenhado, onde o sujeito escolheria livremente sua identidade sexuada, a sexuação aparece, portanto, antes como uma epopeia, que releva antes de tudo do discurso mas também da maneira como um sujeito se posicionou, acolheu a inscrição de um gozo que não variará. O que vai predominar na vida sexual é a repetição no corpo de um acontecimento de gozo primeiro, recoberto em seguida por uma significação que o liga, secundariamente, ao Outro. A este respeito, o trajeto de uma análise é um longo percurso de desidentificação, para reencontrar este núcleo o mais íntimo, um "desnudamento do ser" (Miller, 2018, p. 19), a revelação dos significantes e das insígnias que se retirou do Outro, revelação de uma identidade que vem recobrir a falha do sujeito, sempre dividido entre dois significantes, para desembocar numa solução singular: um **saber se virar** com seu sintoma, que é a bricolagem que um sujeito faz com o gozo sem forçosamente se apoiar no Nome do Pai.

Resta, então, aquilo que da pulsão resiste ao ordenamento significante e se repete, este objeto a perdido no encontro com o Outro e que o sujeito tenta recuperar no campo social, objeto separado do qual se "adorna" (Lacan, 1964, p. 194) para se ligar ao Outro mas, que em sua face de resto da operação significante, deixa uma parte inassimilada, de *êxtima*, que na análise será preciso tomar a seu encargo para não correr o risco de depositá-lo no outro, sob o risco do surgimento do ódio.

Ou como formula Clotilde Leguil:

A psicanálise conduz a enfrentar esses traços que permanecem inscritos no corpo libidinal como traços dos quais o sujeito escolhe falar. Mas se os traços são de ordem significante, no que eles podem ser interpretados e **querer dizer** alguma coisa, o núcleo traumático reenvia àquilo que não poderá nem ser rememorado, nem ser simbolizado. Trata-se, então, de identidade num sentido novo em psicanálise lacaniana. Pois a identidade não é mais somente da ordem do sintoma que pode ser decifrado, mas da ordem daquilo que está lá, sem no entanto se deixar decifrar. Trata-se de poder nomear aquilo que é impossível **historicizar** e permanecerá para sempre separado do resto (Leguil, 2019, s/p.).

### **Da identificação ao sintoma à "identidade sintomal": fazer um nome para si**

Apreende-se, então, a que ponto uma análise levada até seu fim constitui um longo périplo, da colocação em forma do informe à extração dos significantes que marcaram o destino de um sujeito, da travessia do "plano das identificações" (Lacan, 1964, p. 245) à separação desta parte de si com a qual se apresentava ao outro. Contudo, no fim do fim, permanece este resto, esta parte inintegrável sobre a qual Freud (1939) já havia tropeçado em seu célebre artigo *Análise terminável e interminável*, esses "restos sintomáticos" ou "manifestações residuais" que são a parte mais íntima do sintoma e dos quais Lacan não cessará, em sua abordagem daquilo que resiste à mortificação significante, de mostrar que

nunca nos separamos inteiramente. A tal ponto que no finalzinho de seu ensino, ele pôde evocar, uma única vez, que o objetivo de uma análise era talvez "identificar-se a seu sintoma" (Lacan, 1976, s/p.).

O sintoma, precisa J.-A. Miller (2018, pp. 72-73),

não se ultrapassa, não deixa cair, não se atravessa. É dizer que devemos viver com, fazer com, nos virar com. Dizer que a análise leva a se identificar ao sintoma significa Eu sou como eu gozo. Isso quer dizer ainda muitas coisas que são apenas esboçadas em Lacan. O objetivo de ir contra o gozo, transformou-se, às vezes em slogan técnico. O trabalho analítico foi, então, concebido como progressão do desinvestimento libidinal, de modo que o avanço de uma análise se mede ao da mortificação. A este respeito, atravessar o fantasma equivale a desinvesti-lo. Mas isso não resolve nada, porque a libido no sentido de Freud é uma quantidade constante. Nenhum desinvestimento pode impedir que reste o sintoma como modo de gozar.

Poderíamos nos espantar com esta formulação, "eu sou como eu gozo", ou ainda "eu gosou" (*Je souis*) (Lacan, 1974, p. 12) dirá Lacan, que poderia ser mal interpretada como a pior das derivas cínicas e antissociais. E contudo, bem longe das identificações contemporâneas, identidades construídas sobre modos de gozar particulares que podem ser compartilhados, ouve-se bem a que ponto é o contrário. Por ter cernido o impossível, que a persistência desta **quantidade constante de libido** que faz o cerne pulsional do sintoma testemunha, que um certo manejo deste cerne parece possível. Um manejo, e talvez então um outro tipo de nomeação, que não venha do outro, mas que permita antes cercar o mais singular daquilo que anima cada um de nós.

É o esforço que Lacan empregou na última parte de seu seminário, precisando que não era nominalista (Lacan, 1975), para tirar, mesmo assim, todas as consequências de sua pluralização dos nomes do pai em sua desvalorização do simbólico, radicalizando sua concepção do nome próprio: como nomear o núcleo do real mais íntimo do sujeito, este objeto a que escapa a toda tomada simbólica?

Lacan vai ultrapassar a tradicional oposição que faz Frege entre o Sentido (*Sinn*) e a significação (Bedeutung), para mostrar que nem nome próprio nem o nome comum não podem permitir nomear este "pedaço de real, aquele que representa o objeto *a*" (Fajnwaks, 2014). Em seu Seminário nomeado *RSI*, ele se apoiará na maneira como o lógico Saul Kripke coloca em evidência a necessidade de nomear as coisas, *Naming and necessity* [*Nomeação e necessidade*] (Kripke, 1980). Para Kripke (1980), o nome próprio é específico, é um "designador rígido" enquanto um único objeto se aloja sob seu nome, como um encontro, marca inesquecível:

Se houve vários psicanalistas, só houve um único Sigmund Freud. É esta acepção do nome próprio que permite fundar uma teoria do nome próprio, entendido como nome próprio de gozo do sujeito, pois se existe alguma coisa que singulariza um sujeito para além de sua estrutura clínica, é bem sua modalidade particular de gozo (Fajnwaks, 2014, p. 24).

Este nome que pode advir ao fim de um longo percurso analítico é, portanto, bem diferente do nome próprio do analisando. Deve ser distinto, igualmente, dos nomes de sintoma pelos quais Freud, por exemplo, alfinetou alguns de seus célebres analisandos, como *O homem dos ratos*, ou *O homem dos lobos*, que como notou J.-A. Miller, se autorizam ainda do Nome-do-Pai (Miller, 1992). É um nome único, que não recobre o furo do real pela máscara identitária mas tenta cercá-lo, para fazer surgir uma **identidade sintomal** (Miller, 2017). Ou como escreve Eric Laurent (2011, pp. 72-73), "Eu sou isto que é o produto de minha análise e dos nomes que lá obtive".

Finalmente, se uma análise se inscreve também numa dimensão narrativa, performativa e tenta apreender aquilo que é da ordem da afirmação de si, é menos como assunção de uma identidade que me representa, do que como surgimento daquilo que era o mais estrangeiro a si mesmo e que doravante entrou na língua, depois caiu, não sem incluir o enigma de nossa presença ao mundo como o consentimento àquilo que jamais poderá se dizer. Talvez seja isso que pode dar chance de um encontro com outrem mais apaziguado, a partir deste reconhecimento e desta separação do outro em si mesmo que permitiria poder se ligar melhor?

**Tradução:** Catarina Coelho dos Santos

**Notas:**

1. Artigo baseado na conferência *Identidade, identificação, nomeação, uma leitura contemporânea?*, realizada no dia 25 de outubro de 2025, pelo Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana - ISEPOL, como parte do Ciclo de Conferências Franco-Brasileiras.
2. Trecho do discurso de Giorgia Meloni em Roma, citado por Amélia BARBUI, *L'Italie, bouillon de culture naturelle pour un totalitarisme fluide*, Mental, n.º 48, novembro de 2023.
3. O tal "dico" orientou as 52<sup>as</sup> Jornadas da Escola da Causa freudiana, *Sou aquilo que digo, negações contemporâneas do inconsciente*, realizadas por videoconferência nos dias 19 e 20 de novembro de 2022.

**Referências Bibliográficas**

- Ayouch, T. (2015). *L'injure diagnostique. Pour une anthropologie de la psychanalyse*.
- Bauman, Z. (2006). *La vie liquide*. Le Rouergue : Chambon.
- Biagi-Chaï, F. (2022). Identités versus identifications. In *Boussole préparatoire aux 52es Journées de l'École de la Cause freudienne*.
- Brousse, M.-H. (2017). *En direct d'Identity Politics*. L'Hebdo Blog.
- Butler, J. (2006). *Trouble dans le genre : le féminisme et la subversion de l'identité*. La Découverte.

- Chayet, S. (s.d.). *Judith Butler, théoricienne du genre et star pour la jeune génération*. Le Monde.
- Dubreuil, L. (2019). *La dictature des identités*. Gallimard.
- Fajnwaks, F. (2014). Un nominalisme lacanien. In *Variétés de la nomination. Suites et variations*. Bulletin de l'ACF-VLB.
- Freud, S. (2001). *Psychologie des foules et analyse du moi*. Payot. (Œuvre originale publiée en 1921)
- Kripke, S. A. (1980). *La logique des noms propres*. Éditions de Minuit.
- Lacan, J. (1966). Fonction et champ de la parole et du langage. In *Écrits* (pp. 237–322). Seuil.
- Lacan, J. (1966). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je. In *Écrits* (pp. 93–100). Seuil.
- Lacan, J. (1966). Propos sur la causalité psychique. In *Écrits* (pp. 151–193). Seuil.
- Lacan, J. (1966). Pour un congrès sur la sexualité féminine. In *Écrits* (pp. 723–736). Seuil.
- Lacan, J. (1966). Subversion du sujet et dialectique du désir. In *Écrits* (pp. 793–827). Seuil.
- Lacan, J. (1973). *Le Séminaire, livre XI : Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil.
- Lacan, J. (1975). *Le Séminaire, livre XX : Encore*. Seuil.
- Lacan, J. (1981). *Le Séminaire, livre III : Les psychoses*. Seuil.
- Lacan, J. (1991). *Le Séminaire, livre XVII : L'envers de la psychanalyse*. Seuil.
- Lacan, J. (1998). *Le Séminaire, livre V : Les formations de l'inconscient*. Seuil. (Œuvre originale publiée en 1957).
- Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu. In *Autres écrits*. Seuil.
- Lacan, J. (2001). Note sur l'enfant. In *Autres écrits* (pp. 373–374). Seuil.
- Lacan, J. (2001). Allocution sur les psychoses de l'enfant. In *Autres écrits* (pp. 362–363). Seuil.
- Lacan, J. (2011). La Troisième. *La Cause freudienne*, 79.
- Lacan, J. (2015). Note sur le père. *La Cause du désir*, 89, 7–9.
- Lacan, J. (2016). De la structure comme immixtion d'une altérité préalable à un sujet quelconque. *La Cause du désir*, 94, 7–12.
- Laurent, É. (2015). Gênero e gozo. In *Subversão lacaniana das teorias do gênero*. Edições Michèle.
- Laurent, É. (2022). La jouissance performative et l'acte analytique. *Textes préparatoires aux 52es Journées de l'École de la Cause freudienne*.
- Leguil, C. (2019). Le sujet lacanien, un « Je » sans identité. *Astérion*, 21.
- Marteau, S. (2020). *Le mouvement Collages féminicides se déchire sur la question trans*. Le Monde.
- Miller, J.-A. (1977). Enseignement de la présentation de malades. *Ornicar*.
- Miller, J.-A. (1992). *De la nature des semblants*. Enseignement au département de psychanalyse, Université Paris VIII. Inédit.
- Miller, J.-A. (1996). *L'Autre qui n'existe pas et ses comités d'éthique*. Cours, Université Paris VIII. Inédit.
- Miller, J.-A. (2001). Quand les semblants vacillent. *La Cause freudienne*, 47.
- Miller, J.-A. (2018). *L'os d'une cure*. Navarin.

**Citação/Citation:** Leblanc-Roïc, V. (mai. 2025 a out. 2025). Identidades, identificação, nominação, uma leitura contemporânea. (C. C. dos Santos, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(40), 169-186. Disponível em <https://www.isepol.com/asephallus> DOI: 10.17852/1809-709x.2025v20n40p169-186.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 22/06/2025 / 06/22/2025.

**Aceito/Accepted:** 08/12/2025 / 12/08/2025.

**Copyright:** © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.